

Cidade, Comunicação e Pós-Modernidade: reflexões para uma produção de conhecimento

Ricardo Ferreira Freitas

As grandes cidades contemporâneas são confusas. Qualquer tentativa de compreendê-las implica em pensar a velocidade das transformações sociais em várias acelerações diferentes e simultâneas. A rapidez dos acontecimentos e a enfermidade dos objetos caracterizam o contemporâneo como um momento de explosões de códigos que escancaram as contradições dos espaços urbanos.

Os paradoxos das metrópoles chamam a atenção de inúmeros teóricos que balançam entre noções associadas à modernidade ou à pós-modernidade ou simplesmente à contemporaneidade. Há mesmo uma inútil discussão sobre a validade de todos esses termos como se o mais importante não fosse, sobretudo, constatar as mudanças radicalmente rápidas com as quais a sociedade contemporânea convive.

Neste trabalho, nós preferimos o tratamento de “pós-modernidade” por ser uma opção polêmica. Aparentemente, essa polêmica reside mais na validade das expressões “pós-moderno, pós-modernidade, pós-modernismo” do que na essência da problemática discutida pelos teóricos contemporâneos interessados pela questão. A falência do reino da razão conquistadora, a extrema especialização das disciplinas científicas, a transfiguração do político são alguns dos lugares comuns, entre pesquisadores de diferentes pontos do planeta, que ilustram essa “polêmica”.

Parece impossível às pesquisas atuais em ciências humanas não passar pela discussão de certos aspectos dessa possível pós-modernidade na qual tudo se transforma em objeto de comunicação. Como caminhos, podemos lembrar as noções de caos, simulacro, tribo, decomposição, hiper-realidade, neo-grotesco operadas por teóricos contemporâneos como Gianni Vattimo, Jean Baudrillard, Michel Maffesoli, Alain Touraine,

Umberto Eco e Muniz Sodré. Sob essas fórmulas, vemos investigações que não deixam dúvidas sobre a impraticabilidade de alinhar a totalidade do mundo através da razão ou da produção de conhecimento puramente estatístico.

Apesar da obstinação de alguns, as ciências humanas não parecem mais desejosas de colocar em ordem todo o “material pensável” do homem ou edificar sistemas que englobariam, em uma única mirada, as facetas do conhecimento e da ação. Assistimos a discussões diversas sobre novos sentimentos metodológicos que não mais comportam a posição linear do pensamento do início da modernidade. Pensar a cidade contemporânea significa acreditar no plural.

Para ilustrar essa questão, podemos recorrer a Alain Touraine que vê no **eros**, na **nação**, na **empresa** e no **consumo** quatro grandes “icebergs” que atravessaram a modernidade e chegaram à pós-modernidade; segundo ele, a importância da análise desses fragmentos passa pela impossibilidade de interpretar o homem contemporâneo como um ator agarrado ou preso ao seu lugar na ordem social já que “*o ator não é mais razão ou tradição como pensava Weber; ele é a procura dele mesmo e a sedução, groupie e espectador, habitante do ecossistema ou membro de uma banda*” (1).

A essa transfiguração da razão e da tradição, mistura-se o sentimento de itinerância circular que vivemos nas grandes cidades. Mesmo em casa, não estamos longe das comunicações que circulam no mundo; estamos “ligados”: através da televisão, do telefone, do fax, da Internet, da secretária eletrônica, do rádio e de inúmeros outros instrumentos tecnoeletrônicos que dominam o imaginário das metrópoles e de suas tribos.

A efemeridade das imagens no cotidiano urbano faz triunfar uma série de participações nas relações anônimas vividas longe da violência das grandes cidades. Confirma-se um tipo de arquitetura do “socorro”; socorro/segurança contra incêndio, contra a violência urbana, contra as intempéries...

A arquitetura pós-moderna agrega novas formas de relações sociais simulando uma idéia de segurança e tranqüilidade internas: centros empresariais, shopping centers, aeroportos, condomínios fechados etc. Novas formas de habitação, de ambulâncias, de lugar de trabalho, que apresentam uma outra característica da pós-modernidade: ao mesmo tempo que a transnacionalidade conduz a uma certa possibilidade estética de igualdade entre as pessoas, ela conduz também a uma já conhecida sensação de perda de referências culturais.

Sobre este último ponto, vale levantar algumas considerações. A pós-modernidade não implica obrigatoriamente na total perda de identidades locais em nome de uma única cultura transnacional, o que não significa que não haja mudanças coincidentes (às vezes, radicais) na sociedade mundial; mas não se pode negar que adaptações, mudanças e jogos de interesses são elementos integrantes da ação humana desde o início da história das diferentes culturas. A pós-modernidade pode, portanto, ser encarada de maneira a conciliar um casamento entre a conscientização de questões globais (como o meio ambiente) e a afirmação de configurações regionais. Para o melhor... ou para o pior, como podemos observar na ex-Iugoslávia ou na Somália.

Autonomia e heteronomia: paradoxos da cidade pós-moderna

Torna-se difícil pensar que possa haver autonomia numa vida cotidiana invadida por todo tipo de serviços, produtos e comunicações. As redes que envolvem o homem contemporâneo misturam apelos ao consumo, rapidez das informações e “dominação” do reino tecnoeletrônico, dificultando, assim, a concepção moderna de autonomia e convidando a repensar o seu antônimo, a heteronomia.

O homem heteronômico, talvez o homem da pós-modernidade, recebe do exterior as leis que o governam. Evidentemente, nós não queremos aqui continuar a apologia dos

anos 60 e 70 contra a máquina e a mídia; no nosso ponto de vista, robotização do cotidiano não significa necessariamente idiotização da sociedade. Não é preciso interpretar essa "inflação da máquina" como a perda total de liberdade; os caminhos da pós-modernidade parecem levar o homem a uma liberdade no dia a dia dos anos 90:

Freqüentemente temos a impressão de sermos livres sem sermos livres. Mas, ao mesmo tempo, nós somos capazes de liberdade, como nós somos capazes de examinar hipóteses de condução, de fazer escolhas, de tomar decisões. Nós somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo de possessão por forças ocultas que não são mais simplesmente as do inconsciente colocadas em dia pela psicanálise. (2)

Uma primeira leitura sobre as observações de Morin pode conduzir a uma interpretação inocente de conceitos sobre uma sociedade de significantes sem significados ou sobre uma sociedade formada somente por simulacros de liberdade; na verdade, o importante a assinalar nessa questão é a conversão das referências sociais cartesianas da modernidade por novos valores (muito mais abstratos) que se misturam paradoxalmente no cotidiano urbano no fim deste século.

Cidades como Rio de Janeiro, Tóquio, New York, São Paulo, costumam ser apontadas como exemplos de metrópoles pós-modernas - elas transpiram o excesso de comunicações. Cidades que mesclam a miséria, o arcaico e o antigo com a tecnologia de ponta, com a arquitetura asséptica e com a transnacionalidade dos objetos. Cidades plurais.

Tais cidades são curiosas alegorias deste momento da sociedade mundial no qual inumeráveis redes de comunicação se cruzam a cada segundo; na obra de Felix Guattari, encontramos algumas análises interessantes sobre essa questão, especialmente quando ele comenta a crise do excesso de informação no cotidiano:

...A crise atual da mídia e a linha de abertura em direção a uma era pós-mídia constituem os sintomas de uma crise muito mais profunda. É sobre isso que eu pretendo chamar a atenção, é sobre esse caráter plural, multicêntrico, heterogêneo, da subjetividade contemporânea, apesar da homogeneização (...) pela sua "massmediatização". Nesse sentido, o indivíduo já é um coletivo de componentes heterogêneos... (3)

Ao excesso de informações, associa-se o excesso de objetos. A era pós-mídia que se esboça é também a era onde se desenvolvem

os templos para esses objetos: os shopping centers, os grandes parques de diversões, as grandes torres de escritórios, etc Com a extensão progressiva desses templos no mundo, as ciências sociais começam a se perguntar qual é o papel dessas "neo-ágoras" no cotidiano das cidades. Esse interesse não deixa de refletir toda a interrogação dos anos 60 sobre a sociedade de consumo (contracultura, apelos generalizados à paz, críticas aos "mass-media"...) e também as observações de vários intelectuais de todo o século XX sobre a massificação dos costumes ou sobre a "mundialização" das metrópoles. Atualmente, podemos ver um pouco mais claramente que, em vez de discutir a sociedade de consumo dentro de uma suposta ideologia capitalista, é necessário primeiro tentar compreender o imaginário deste fim de milênio que parece não mais ter referências na dicotomia capitalismo/marxismo, mas que continua a ter no dinheiro seu jogo de regras principal.

Conclusão

Toda essa confusão de códigos que se vê nas grandes cidades contemporâneas é fruto urgente de estudos para uma melhor compreensão e absorção dos esforços da comunicação social. A cidade, tema que já despertou o interesse de pensadores ilustres

como Durkheim, Weber e Simmel, é, portanto, assunto obrigatório em qualquer proposta de reflexão sobre a construção do saber na contemporaneidade. O crescimento de cursos e pesquisas em sociologia urbana, estudos urbanos, cotidiano urbano, espaços urbanos demonstram que as universidades e os órgãos de fomento têm dado alguma atenção a essa questão. Mas, ainda é muito pouco em vista da multiplicidade de aspectos, hipóteses e problemas que se esboçam nos espaços das cidades. Da violência nas favelas às poéticas cicloviárias.

Ricardo Ferreira Freitas

- Professor da UERJ e da UNESA.
- Doutor em Sociologia pela Université René Descartes, Paris V - Sorbonne.
- Mestre em Teoria da Comunicação e da Cultura pela ECO/UFRJ.
- Chefe do Deptº de R. Públicas FCS/UERJ

Referências bibliográficas

- 1 - A. TOURAINE, Critique de la modernité, Fayard, Paris, 1992, p. 170
- 2 - EMORIN, Introduction à la pensée complexe, ESF éditeur, Paris, 1990, p. 91
- 3 - F. GUATTARI, "Pour une refondation des pratiques sociales", Le monde diplomatique, Paris, Nº 463 (oct 92), p. 26

